

Natureza e percepção de valores

Nature and Value Perception

Ademar HEEMANN*

Nara HEEMANN**

RESUMO

Esse texto apresenta algumas questões introdutórias à pesquisa sobre a percepção dos valores a partir do contato íntimo com a natureza, considerando o contexto educativo sob a égide do direito liberal.

Palavras-chave: percepção, valor, natureza.

ABSTRACT

This essay focuses on some introductory questions of the investigation into the perception of values based on the intimate contact with nature, taking into account the educational context within the frame of liberal rights.

Key-words: perception, value, nature.

Natureza e valores

Os resultados de amar ao próximo podem ser os mesmos, seja uma ordem divina ou um preceito ecológico.¹

As percepções² originadas das vivências com a natureza despertam sentimentos estéticos e valorativos nem sempre definíveis. Da mesma forma presentes na música,

na poesia, no teatro, na arte em geral, tais sentimentos também participam da formulação dos princípios éticos e da gênese das teorias científicas.

Assim, a máxima “De bem com a natureza” indica uma revitalização teórica do natural e da sensibilização dos sentidos nas diversas áreas do conhecimento. Veja-se, por exemplo, a fecundidade de uma aproximação entre conceitos como os de *Topofilia*³ (percepção, atitudes e ligação

* Professor Sênior do Curso de Doutorado em Meio Ambiente e Desenvolvimento; UFPR. Autor de *Natureza e ética*. Curitiba: Ed. UFPR, 1998; e *O corpo que pensa*. Joinville: Ed. UNIVILLE, 2001. <heemann@uol.com.br>

** Teatróloga pela Muenchen Universitaet.

1 SIMPSON, G. G. *A biologia e o homem*. São Paulo: Cultrix, 1974. p.151

2 Do lat. *percipere*, apoderar-se de.

afetiva do ser humano para com o lugar ou ambiente físico) e de *Biofilia*⁴ (ligação afetiva com outros organismos e habitats com os quais sentimos afinidade).

Konrad Lorenz, prêmio Nobel de Medicina de 1973, uma dessas mentes inimagináveis, sabia que é nessa sensibilização dos sentidos que o pensamento começa. Inebriado pelo contato íntimo com a natureza viva, Lorenz compreendeu que as percepções (*Gestaltwahrnehmung*) e as sensações naturalistas são fontes genuínas da compreensão espontânea de um sentido para o mundo e para as condutas da vida correta (*Wertempfindung*) e do bem viver.⁵ Ilusões sensoriais ou não, ele advertiu que a última esperança da humanidade repousa em uma educação que lembra o ensinamento de Rousseau: *as vivências com as harmonias da natureza*. A natureza como mestra! Essa é uma antiga exortação, revalorizada no presente não só pelo mercado turístico como também por alguns setores sinceramente preocupados com a degradação ambiental associada aos problemas da saúde, da educação e da justiça. Imaginativo, simples e viável, não agride o meio ambiente e acena para o prazer.

No entanto, esse discurso ambientalista pouco sensibiliza aquela burocracia escolar que insiste num currículo que se diz voltado à “realidade” e não a esses desvios românticos das vivências subjetivas. São inúmeros e sutis os argumentos contrários à alegria e ao prazer no ensino, no trabalho e na vida das pessoas. Não sendo esse o momento para rastrear na história a gênese desse antagonismo, convém lembrar, porém, que a humanidade ainda não convalesceu dessa enfermidade: o conflito entre *razão e prazer*. Com raízes no estoicismo⁶ grego, essa (pseudo)razão, ao ser cristianizada no período medieval, produziu efeitos devastadores nos corpos e nas mentes das pessoas. E seus efeitos ainda perduram nesses tempos pós-modernos, quando tanto se fala do concreto da vida sensível.

Natureza e as múltiplas percepções

Múltiplas percepções valorativas da natureza (artística, religiosa, ética, econômica, ...) sempre conviveram lado a lado nas diversas culturas. Para a epistemologia, porém, convivência não implica confusão conceitual e assim as fronteiras das esferas valorativas foram demarcadas. Já não é mais possível reduzir um valor ao outro, sob pena de incidir nos desvios lógicos (falaciosos), cujo mérito da denúncia cabe a D. Hume. Logo, não se pode deduzir – pelos caminhos da lógica – um valor estético, econômico ou político de um julgamento religioso e assim por diante.

Essa interdição atinge alguns setores do discurso ambientalista e traz à tona um antigo debate sobre o *conceito de valor*. Existem valores em si mesmos? Existem valores inerentes ou imanentes à natureza? Os valores caem do céu pela voz de quem quer que seja ou são criados pelas diversas culturas à sua maneira? As respostas divergem e têm como pano de fundo a idéia da existência ou não de um *finalismo* (telos) na natureza. A perspectiva finalista (teleológica), em seu reduto clássico da metafísica e da religião, concebe uma natureza estática, eterna e imutável. Essa concepção também pode se apresentar com as roupagens modernizantes da dinâmica evolucionária, contudo sem abandonar o finalismo, ou seja, a idéia de um projeto com direcionamento predeterminado.

O olhar científico vê a natureza de um outro jeito. Pela teoria evolucionária, a aparente finalidade de um sistema biológico, por exemplo, é vista como uma consequência e não como a causa desse sistema (teleonomia). É uma análise que não considera sentidos ocultos ou finalidade ética predeterminada na natureza. Lembrando Nietzsche, a natureza guarda uma sublime indiferença com relação às nossas percepções do bem e do mal.

A partir dessas duas concepções de natureza, uma teleológica (finalista) e a outra não finalista (teleonômica),

3 TUAN, Y. *Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente*. São Paulo: Difel, 1980.

4 WILSON, E. O. *Diversidade da vida*. São Paulo: Cia. Das Letras, 1991.

5 Konrad Lorenz, prêmio Nobel de Medicina de 1973, é considerado o pai da etologia (*Ethos*: hábito, comportamento), ramo da biologia que tem, atualmente, em Wilson o seu principal representante. Veja-se LORENZ, K. *A demolição do homem: crítica à falsa religião do progresso*. São Paulo: Brasiliense, 1986.

6 Segundo o estoicismo, a natureza rege tudo e a razão é a essência da natureza humana.

as interrogações referidas a enunciados da moda, como as que seguem, serão respondidas de modo divergente:

- Paisagem paradisíaca e acalmante! – a paisagem é acalmante em si mesma ou é o ser humano que se acalma em contato com ela?
- Santuário ecológico! – há uma relação intrínseca (inerente) entre o caráter da sacralidade e o ambiente natural?
- Pessoa encantadora! – encantadora em si mesma ou é o espectador que se encanta?

Essa abordagem da múltipla percepção e realização de valores também pode ser exemplificada sob uma ótica de proteção ambiental: *a utilização respeitosa de uma floresta*. Ela pode se dar em função do calculismo econômico, do respeito ao espírito da floresta, da obediência ao código florestal, da saúde da população, do amor ao próximo ou da compaixão pelas futuras gerações. Sob determinadas condições é possível alcançar um produto comum, daí as palavras de Simpson de que os resultados de amar ao próximo podem ser os mesmos, seja uma ordem divina ou um preceito ecológico.

Para atingir esse objetivo comum no plano da intencionalidade, o que é muito difícil, teria que ser feita uma abstração da insanável divergência sobre os fundamentos ou pontos de partida das posições assumidas. É uma perspectiva pragmática que poderia evitar a “guerra santa”, sensível às transformações do meio ambiente e ao risco de degradação das grandes regiões naturais e áreas silvestres de alta biodiversidade do planeta.

A *chamada ambientalista* de certa forma acena para resultados pragmáticos e para o diálogo entre saberes. Essa convergência em termos epistemológicos, no entanto, ainda não foi satisfatoriamente formulada. Porém, sua capacidade para atrair tamanha variedade de movimentos e ideologias é crescente; fato inimaginável até bem pouco tempo.

Mas a continuidade do cerco ao tema da percepção dos valores ainda terá que considerar que ela não existe sem a experiência do mundo, a tecnosfera. Ela é dominada por um tipo de manifestação cultural em que a técnica deixa de

ser um meio para se tornar um fim, assumindo o papel de grande organizadora da vida (Heidegger).

A percepção dos valores na tecnosfera

A *tecnosfera* se expressa politicamente pela *democracia* e tem no *capital* a sua manifestação econômica. Tudo isso é sustentado pelo *direito liberal*, através de um conceito basilar e abstrato chamado de liberdade. Nesse contexto a percepção e a valoração da natureza estão à mercê das consciências construídas sob a égide do direito camuflado com a retórica da ética. Isto significa que o direito delinea o modo da mente pensar a realidade, priorizando o valor exigido juridicamente. Vale dizer, esse valor refere-se ao cumprimento da norma e não à sua interioridade.

Nesse ambiente tecnosférico, a formação da personalidade se faz num clima sem preocupações substanciais com as conseqüências do agir, já que o direito fornece os argumentos que auxiliam a restringir as responsabilidades. Quem tem direitos é levado a não se preocupar com os efeitos e motivos éticos dos seus atos. Caso o faça, poderá até cair no ridículo e passar por ingênuo.⁷

Se o ideal liberal não prioriza a reflexão sobre valores e princípios da consciência ética no agir, seria o discurso da *educação crítica*, baseada em valores, uma tentativa ingênua e romântica? E como entender o dispositivo constitucional da *saúde ética*⁸ face às relações de mercado? E quanto aos valores qualitativos da natureza, como compreender esse convívio contraditório entre lógica de mercado e aspirações qualitativas éticas, estéticas e históricas?

Da insistência de que há um preço a pagar pelo uso da natureza surgiu uma nova disciplina, a *economia do meio ambiente*. Ela trata da *internalização dos custos*, quer dizer, da inclusão dos custos do uso e da recuperação dos bens ambientais no sistema econômico. São calculados os custos da despoluição, o valor das multas e traduzido em cifras os benefícios dos ecossistemas, das funções naturais dos mangues, das florestas, dos estuários e dos pantanais.

⁷ Baseado em entrevista com Hans Georg Flickinger, da Gesamthochschule Kassel (Alemanha).

⁸ “Universalidade: garantia de atenção à saúde a todo e qualquer cidadão. Equidade: direito de atendimento adequado às necessidades de cada indivíduo e coletividade. Integralidade: a pessoa é um todo indivisível inserido numa comunidade.” (PCNs, p. 93, V9). Veja tb. a Constituição de 1988 e o ABC do SUS – Doutrinas e princípios, 1990)

Os críticos desse ambientalismo desenvolvimentista denunciam, no entanto, os efeitos perversos dessa internalização, uma vez que a natureza vem sendo considerada como fator de cálculo econômico, mas sob a mesma lógica quantitativista, mero fruto da ampliação do objeto da economia. Segundo a denúncia, a redução dos bens da natureza a números e sua transformação em mercadoria, destruiria não só a última esperança para a história de muitas espécies, como também a última possibilidade de preservação da biosfera. A internalização dos custos seria na realidade uma legalização do processo destrutivo. Poderia esse mecanismo, de alguma outra forma, abranger adequadamente as dimensões estéticas, históricas e éticas da vida no planeta?

Gênese e internalização de valores

A percepção de um ato danoso à natureza pode engatilhar uma atitude de reprovação. Só acontece se o fenômeno agride a sensibilidade do observador, provocando a chamada *indignação moral*. Essa sensibilidade é construída pela educação, devendo-se a Piaget e a Kohlberg, um de seus continuadores, as principais formulações sobre a gênese desse processo. A percepção valorativa, portanto, depende de um antecedente que é a internalização situada

num amplo processo, cujo esquema, intencionalmente simplificado, seria:

1. os valores socialmente construídos fornecem os padrões do certo e do errado;
2. a pessoa submetida à malha normativa do amplo processo educativo incorpora emocionalmente esses padrões ou valores;
3. os valores cicatrizam o cérebro e servem de guia para as intuições, as percepções e sensações valorativas;
4. essa incorporação emocional, sob os lampejos da razão assume a forma de decisão ética;

Dessa forma a dinâmica ocidental gerou valores como: liberdade, lealdade, amor e solidariedade, justiça. O desenvolvimentismo centrado na técnica, no modo de fazer, adicionou à eles: produtividade, eficiência, qualidade...

O ambientalismo se refere a conceitos como topofilia e biofilia e, paralelamente, a tecnosfera cria as biofábricas por meio da engenharia genética. É de se perguntar sobre os valores que serão criados e/ou inovados daqui para frente, uma vez que vivemos uma “época em que a poeira das perguntas demora a assentar e quando as respostas chegam, já estão obsoletas.”⁹

REFERÊNCIAS

CAMPOS, R. Tecnologia, modernidade e depois. *Folha de São Paulo*, 28 ago. 1999.

HEEMANN, A. *Natureza e ética: dilemas e perspectivas educacionais*. 2. ed. Curitiba: Ed. UFPR, 1998.

_____. *O Corpo que Pensa*. Ensaio sobre nascimento e a legitimação dos valores. Joinville: Univille, 2001.

HEIDEGGER, M. *A questão da técnica*. São Paulo: DF/USP, 1997. (Cadernos de tradução; n. 2).

SIMPSON, G. G. *A biologia e o homem*. São Paulo: Cultrix, 1974.

TUAN, Y. *Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente*. São Paulo: Difel, 1980.

_____. *Espaço e lugar: a perspectiva da experiência*. São Paulo: Difel, 1983.

WILSON, E. O. *Diversidade da vida*. São Paulo: Cia. das Letras, 1991.

⁹ CAMPOS, R. Tecnologia, modernidade e depois. *Folha de São Paulo*, p.1-4, 28 ag. 1999.